



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Nas trilhas de Dona Almerinda: as relações entre arte e memória no fazer etnográfico

Autoria: Rumi Regina Kubo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Esta comunicação remete a uma obra, inicialmente apresentada em 2000, como um work de conclusão de curso de graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “Dona Almerinda: trajetória de uma desconstrução?”, sob a orientação de Élide Tessler, em que a interlocutora de todo o work de pesquisa foi uma anciã, já falecida, da etnia Kaingang, a época moradora de um bairro periférico e próximo a um morro com mata de Porto Alegre, RS. A obra era uma instalação, com uso de fotografias e objetos, como caixas de fósforo e caixas de tomate, em que toda a narrativa foi pautada pelo convívio e registro de conversas com Dona Almerinda. Daqueles encontros, perdura até hoje uma interação com a família de seu filho. A principal referência para o desenvolvimento da obra é Gaston Bachelard e seus escritos do regime noturno, refletindo sobre o espaço, a ação e a relação com a materialidade, o devaneio. Além deste, também as obras do artista Cildo Meireles e a vertente de artistas que trabalham com arte e cotidiano (inaugurada, no contexto da história da arte, por Marcel Duchamp) foram determinantes na proposição da obra. Ao narrar o cotidiano de Dona Almerinda, evoca-se também, além dos aspectos poéticos,



a gama de questões que envolvem a condição de sua etnia, no convívio com/em ambiente urbano. A proposta para este GT seria revisitar e narrar a obra e refletir sobre as relações da obra com a etnografia em seus entrecruzamentos e limites; discutir sobre a materialidade (das coisas) na construção de narrativas, em sua artesanidade e tensões entre o vivido e a vontade de re-presentar este vivido. E inevitavelmente falar de memória a partir da persistência das imagens, as relações que se perpetuam ou se perdem ao longo do tempo e a cidade que se modifica.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: